

BRASIL-PORTUGAL

16 DE JULHO DE 1904

N.º 132



O Marechal Duque de Saldanha

Nasceu a 17-11-1790 † a 27-11-1876

Presta o «Brasil-Portugal» a sua homenagem ao valente soldado das campanhas liberais, ao illustre estadista que durante tantos annos se distinguio no parlamento e na politica, ao cidadão emerito, ao patriota destemido, ao diplomata universalmente conhecido.

O Duque de Saldanha, o ultimo marechal do exercito portuguez, João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun foi o 9.º filho do matrimonio do 1.º Conde de Rio Maior com a Ex.ª S.ª D. Maria Amalia de Carvalho, filha do grande Marquez de Portugal. Durante a sua brilhante carreira militar obteve uns poucos de postos por accessos. Foi capitão aos 17 annos, ministro da guerra aos 36, marechal do exercito, presidente do conselho de ministros, embaixador junto á santa Sé, par do reino, mordomo-mór, capitão general do Rio Grande do Sul, ministro em Paris, Vienna, Londres e Madrid, membro de varias corporações scientificas e litterarias, Grã Cruz das mais importantes ordens de Portugal e da Europa, etc., etc.

Campanha de Montevideu

Emquanto o general Lecor, encarregado pelo governo portuguez de se apoderar da Banda Oriental do Rio da Prata (que o mesmo é dizer provincia de Montevideu), occupava esta cidade, havia destacado a divisão do general Curado contra as principaes forças do inimigo, commandadas pelo dictador Artigas.

Longe nos levaria o historiar a minuciosa campanha de Montevideu, que durou cinco annos, de 1816 a 1821. Longa foi e cortada de obstaculos, por diferentes circumstancias. Primeiramente porque teve de ser feita em duas capitánias, dirigidas por dois generaes, e todos sabem as difficuldades que se originam do commando dividido. Accrescia o modo diverso de pelega nos dois campos. Por ultimo, o systema das operações de Artigas, substituindo ás batalhas francas a artilhosa divisão das forças, contrariava a estrategia estabelecida. Veremos, porem, se todos estes obstaculos não de, ou não, despedaçam-se de encontro ás tropas da divisão portugueza, reforçadas com as da guarnição do Rio Grande.

II

A primeira brigada (de que formava parte o regimento commandado por Saldanha) fôra encarregada dos movimentos exteriores da praça de Montevideu, pertencendo-lhe vigiar o inimigo nas circumvisinhanças da cidade, e defendel-a. Sortidas importantes e proveitosas se realisaram. Em fins de janeiro de 1818 aquella primeira brigada foi rendida pela segunda brigada, que até ali fizera a guarnição da praça, e, em seguida, mandado Saldanha tomar o commando de uma columna importante na divisão do general Curado, ao longo do grande rio Uruguay.

N'esse mesmo anno de 1818 o conde da Figueira substituiu o Marquez de Alegrete na capitania do Rio Grande. O conde da Figueira nas fronteiras da sua capitania, o general Lecor na capital Montevideu, na direita o general Jorge de Avillez e em seguida o brigadeiro Azeredo (1.º conde de Samodães), no centro e esquerda do general Curado, dirigiam os movimentos contra o exercito do arrojado Artigas no immenso labyrintho d'aquelle territorio; e, se os orientaes pelejavam intrepidamente, nos generaes e tropas portuguezas, tanto da divisão auxiliar como das forças locais, encontravam adversarios não menos destemidos.

A João Carlos de Saldanha foi entregue o commando da columna ligeira, que, em movimentos continuos, devia sustentar, contra as forças de Artigas, o extenso territorio ao longo do importante rio Uruguay. Este rio era a fronteira occidental da capitania de Montevideu, que a separava das provincias de Entre-Rios e Corrientes, pertencentes ao inimigo. Conhecer-se ha a importancia de toda esta margem, onde Saldanha operava, se se considerar que as indicadas provincias de Entre-Rios e Corrientes eram o ponto de apoio, o vasto arsenal, por assim enunciar, onde Artigas e os seus generaes se iam refazer quando vencidos, e d'onde, por meio de novas combinações estrategicas, repassando o mesmo Uruguay, vinham intentar novos combates no grande territorio disputado.

Era n'aquellas planícies sem termo, por entre o rigor das estações, sobretudo no ardente estio, commandando tropas valentes, mas pouco afeitas ao genero das armas e das investidas orientaes, dormindo tantas vezes sobre o cavallo, bivacando outras tantas onde anoitecia, que o brigadeiro de vinte e sete annos sustentava com um valor, que passou á tradição, os brios da nação portugueza. Quando, já ancião e no remanso do lar, lhe falava algum parente ou amigo nos seus feitos da guerra liberal de 1833, Saldanha escutava modesto as façanhas que lhe recordavam, sorria-se, esfragava as mãos, e ouvia-se-lhe murmurar, como simples echo do seu pensamento: "Mas aquella Montevideu! o que ali se fez!", e calava-se, tornava-se-lhe serio o rosto, e logo despertando do seu entrosno, como que tendo saído das planícies montevidéanas, aonde o pensamento o transportára por momentos aos seus verdes annos, aos seus companheiros de armas jovens como elle e n'aquelle instante mortos já todos, levava as mãos aos cabellos e dizia então a valer, para os que o rodeavam, como se involuntariamente o não houvera já dito: "Aquella Montevideu!",

O enigma, explicado em vulgar, significava os assombrosos feitos da America.

As cidades e povoações urbanas acceitavam os portuguezes que as livravam das extorsões de Artigas e seus sequazes. Não assim as povoações rurais, e sobretudo aquellas immensas cohortes dos indomaveis gaúchos, que vimos montados e armados pelas interminaveis campinas, cuja vista se perde no horizonte.

Estas eram as cohortes, que invenciveis tinham expulso os hespanhoes, seus antigos dominadores, e reputadas invenciveis por sua fereza, pela velocidade inrivel dos cavallos, pelo manejo original das armas, pelas carrancas, pelos corpanzís, pelo complexo de selvatica originalidade que os revestia, e até pela especie de mysterio que os acompanhava, ignorando-se — n'aquelle oceano campesino ao longo d'aquellas margens do Uruguay — d'onde vinham, para onde marchavam, onde se iam esconder, d'onde reapareciam. Era contra estas forças, umas vezes dispersas, outras vezes reunidas, não se sabendo quando queriam combater ou quando só intentavam fatigar, que o general portuguez tinha opposto a columna de Saldanha, por conhecer a quem entregava a empreza.

Quando Julio Cesar chegou com as suas legiões ás fronteiras da Germania, a fama representava os barbaros, e com verdade, homens de altura gingantea e de força herculea. Apesar de heroes, os romanos tomaram-se de panico. Uns, faziam testamento; outros, para não avançarem, pretextavam difficuldade das estradas ou escassez de viveres. Cesar assombrou-se: os seus heroicos soldados estacavam pela vez primeira!

Quem abrir os *Commentarios* do proprio Cesar (no livro I, capitulo XI.) lerá o que elle mesmo diz ter feito n'aquelle ensejo. Convocando os centuriões de todas as classes, assim lhes arengou: "Recordae vos, romanos, de que vossos paes, commandados por Mario, expulsaram os cimbras e os teutões. Não deve o soldado desconhecer a voz do seu chefe, senão quando a este fôr adversa a fortuna. Acaso não manifestei eu, no successivo decorrer da vida, a minha intrepidez? Por isso vos affirmo que mal desponte a aurora rompei a marcha, pois que impaciente estou por saber se no soldado romano o medo pesará mais do que a honra; e tambem vos asseguro que, se o exercito me não acompanhar, seguirei eu só com a decima legião, a legião da minha confiança mais provada.. Esta fala, sem alludir aos deveres da disciplina, mas aos prodigios da emulação, reacendendo os animos, operou maravilhas; o exercito, não querendo ficar áquem da afamada legião, acompanhou entusiasmado o seu Julio Cesar, irrompeu unanime contra os invenciveis germanos, e estrejou a serie das victorias que vivem na memoria de todos.

Scena parecida fez o brigadeiro João Carlos, no começo da campanha. Indicámos já a originalidade e destreza dos orientaes. A sua arma principal em importancia, no incalculavel numero, pela propria natureza do territorio, era a cavallaria, furacão, desespero, como lhe' chama um escriptor.

Esta cavallaria dos féros gaúchos é que a brigada de Saldanha ia ter de frente de si durante a disputada guerra.

Contra os exercitos francezes já estavam afeitos os nossos bravos; contra aquella gente e aquella cavallaria, ainda não. No estrear da campanha dissereil-os os valorosos romanos de Cesar contra os originaes gigantes da Germania; mas contra estes novos Germanos havia tambem um Cesar, não só em semente, já florecido. Para os seus soldados disse então Saldanha (com o intuito de os animar): que no dia seguinte iam combater os de Artigas, homens como elles, que n'aquella campanha tinha Portugal os olhos fitos, que lhes caberia a gloria de vencer, e que elle seria o primeiro que irromperia contra o inimigo, contra a celebre cavallaria de Artigas commandada pelo afamado Lavaliéga. Se bem o disse, melhor o fez.

No dia seguinte, nas vastas planícies do Uruguay, Saldanha, á frente dos seus cavalleiros, irrompia furioso contra o furioso gaúcho. A cavallaria portugueza, qual a romana á voz de Cesar, lançava-se intrepida contra a cavallaria oriental, invencivel e medonha como a dos antigos barbaros, seus predecessores. A gloria corou os nossos, nas campinas americanas, á voz do guerreiro que parecia celebrar com os triumphos o pacto da victoria. "Quando acabou o combate, narraa Saldanha, todo eu era sangue e miólos, da cabeça aos pés. — Acertára o Cesar lusitano: a decima legião não precisava dar lições á legião de Portugal.

Só n'uma das manhãs não menos de cinco arrojadas cargas deu Saldanha á frente da sua cavallaria. Pintam factos taes o arrojado d'aquellas luctas.

No curso dos cinco annos que durou esta guerra (lé-se n'uma obra, conscienciosamente escripta), o commandante Saldanha fez prodigios de valor; foi elle quem valentemente carregou e completamente desfez a cavallaria de Artigas, que passava por temibilissima.

Escreve outro: "Em toda a campanha (de Montevideu) distinguio-se pelo extremado valor com que accommetteu e destrou a cavallaria de Artigas, como pela actividade, prudencia e pericia com que se houve."

Praticou proezas taes contra os esquadrões de Artigas, que lhe deram nome e fama, e ainda ha um sitio que entre o gentio se denomina — O rincão de Saldanha.

No auctorisado Feo lê-se: "O general Saldanha dirigiu com tanta habilidade a campanha (em Montevideu) que a guerra se fez muito vantajosamente."

Por ultimo citaremos o testemunho da corporação local, competentissima, da propria junta governativa do Rio Grande, cujo vicepresidente era um general brasileiro. Referindo-se a esta campanha de Montevideu, escreve a junta ao general Saldanha, formaes palavras: "Tendo v. ex.º sido superior em bravura nos combates da guerra em que sustentou o seu heroismo."

Certa manhã de 1837, por occasião da revolta denominada dos Marechaes, almoçava em Penamacor o marechal Saldanha com os officiaes do seu estado maior, quando lhe annunciaram que um alferes de veteranos pedia licença para o comprimentar.

— Entre o alferes de veteranos.

O alferes entrou. Vinha com o braço direito amputado.

— O senhor marechal já me não conhece?

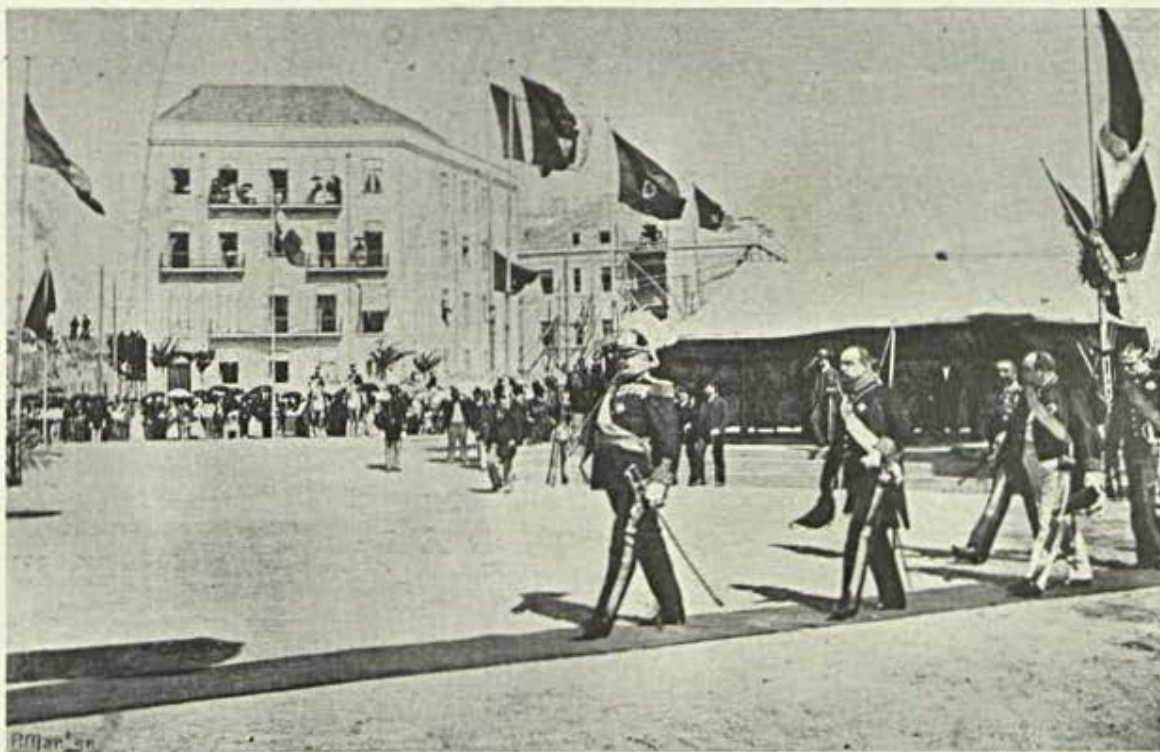
O marechal fitou n'elle os olhos por momentos, crescendo-lhe successivamente a curiosidade.

— Não me lembro.

Por sua vez cravou n'elle os olhos o alferes.

— Pois não se lembra o sr. marechal d'aquella carga em Montevideu, em que lhe mataram o cavallo, e em que um dos seus sargentos ficou sem um braço? Sou eu aquelle sargento.

Os bravos e as palmas do estado maior do marechal não deixaram contituar a narrativa do veterano. Que succedera? N'essa propria manhã, durante a marcha de Castello Branco para Penamacor, viera Saldanha contando aos seus ajudantes aquella mesma carga e o facto do sargento mutilado. Imagine-se o que ali não foi entre



Monumento Saldanha — *El-Rei encaminhando-se para o local do lançamento da primeira pedra*

aquelles rapazes, a notavel coincidência. O alferes repetiu então nos pontos capitaes a narrativa de Saldanha, mal sabendo que publicava a segunda edição.

Fôra o caso: marchavam um dia por aquellas planicies sem termo. A alguma distancia um piquete cobria a retaguarda. Saldanha olha para traz e vê relampejarem as espadas que o piquete desembainhára. Suspende-se. Espadas que relampejam, signal é de inimigo. Volta para a retaguarda apressado e chega até o piquete. E a cavallaria de Artigas que lhes vem na pista. Saldanha não espera por mais nada. Na forma do costume lança o cavallo a galope, a toda a brida. Segue-o a sua cavallaria. Sendo o primeiro que chegou, arremessa se contra a cavallaria contraria. Cae-lhe morto o finissimo cavallo que montava. Está a pé, elle só, cercado da ca-

vallaria inimiga; a investida é furiosa, rodeiam-no, arremettem mas Saldanha defende-se de uns, ataca outros, fere outros tambem, a sua valentia, coroada com a felicidade da sua estrella, de todos zomba, parece invulneravel, quasi prodigio parece. Chega m os mais velozes dos seus, vêem-no a pé, luctando contra todos. um sargento se apeia logo, offerece-lhe o cavallo, monta Saldanha repentinamente, uma espadeirada arremettida contra elle, decepa o braço do sargento; a carga chega ao auge, vacillam os orientaes ao impeto incessante dos portuguezes, retrocedem, debandam, per-tence o campo aos nossos, e, com tal exemplo de commandante, que militar dos seus não venceria tambem? Era aquelle sargento mutilado, que ao almoço do marechal em Penamacor, vinha sandar o guerreiro de Montevidéu.



Klabin Brasil

Monumento Saldanha — *Collocação da primeira pedra*



Monumento Saldanha — O architecto Ventura Terra entregando a S. M. as ferramentas

Foge-nos o espaço para proseguir nos feitos singulares. Só exemplos citámos.

III

Corre o anno de 1819. Os dois capitães generaes Lecor e conde da Figueira operam de accordo. Lecor intenta abrir as communicações pelo rio Uruguay entre a capitania de Montevidéu e os povos das Missões, situadas no alto da capitania do Rio Grande, procurando tambem evitar que as forças inimigas passem para aquém do célebre rio nos pontos acima do Salto. Era um plano complexo e importante. A columna de Saldanha, já reunida á divisão do general Curado, é mandada apoiar a passagem do rio Negro, exe-

cutada pela columna do coronel Marques, fazendo junção logo em seguida as duas columnas, e endireitando ambas, sob o commando de Saldanha, para a barra do Arroyo dos Curraes, estabelecendo-se em communicação com as forças do conde da Figueira.

Approximavam-se os grandes acontecimentos. Tinham já succumbido os intrepidos vice-chefes de Artigas, Verdum, Aranda, Tallier e outros. Em outubro Fructuoso Ribeiro é tambem destruido. Ao Napoleão da Banda Oriental soava a hora do Waterloo americano.

Reapparecendo, com forças novas, nas nossas fronteiras, e levando tudo a ferro e fogo, Artigas conseguira pôr em debandada a columna do general Abreu até ao Passo do Rosario, mas, junta a esta columna a do general Camara, reuniram se-lhes tambem as



RHJ an 27

Monumento Saldanha — El-Rei dando as martelladas

forças do conde da Figueira, que tomou o commando, caben lo lhe dar um golpe mortal na campanha de Artigas. Os orientaes, acampados em posição forte na margem esquerda do rio Taquarembó, esperaram os nossos. No dia 22 de janeiro de 1820 o conde da Figueira atacou por ambos os flancos as forças do caudilho Latorre e dos seus intrepidos sub-chefes Sotello e Cahiré, destroçou-as, salvando-se Latorre á garupa de um indio, succumbindo na peleja Sotello e muitos officiaes superiores, ficando mortos no campo oitocentos inimigos e aprisionados quatrocentos e noventa.

Artigas, em Maloojo, não se tendo podido reunir á divisão de Latorre, mas conseguindo congregiar os dispersos, alcançou (por um movimento strategico digno d'elle) passar o Uruguay para o seu territorio de Corrientes, no intento de se reforçar. Restava ainda o perigo d'este sangue novo magicamente inoculado no exercito por aquelle espirito invencivel, que não quebrava, e que por tantos annos logrou sustentar-se contra as forças que se lhe oppunham e contra os povos que o detestavam.

De janeiro a maio pacificára-se todo o interior da Banda Oriental (a capitania de Montevideo). Fructuoso Ribeiro, rendendo-se ao general Lecor, entrava ao serviço de Portugal.

Mas o general Curado, valetudinario, não podia continuar á frente da divisão que estacionava em todo o occidente da capitania de Montevideo, e solicitava a exoneração. Urgia dar-lhe successor. A opinião pública tinha já indicado quem o devia ser, e o governo do Rio de Janeiro não fez senão justiça ao merito de Saldanha, o destemido guerreiro do Uruguay, reunindo ás forças do general Curado a brigada do mesmo Saldanha, e conferindo a este o commando supremo de toda aquella divisão.

Havia ali brigadeiros mais antigos do que Saldanha? havia mesmo marechaes de campo? Seriam todos elles preteridos, n'aquelle commando, pelo brigadeiro mais moço? E' certo; e recordemo nos das antigas promoções. Na promoção de Saldanha a maior, tinham sido preteridos quasi todos os capitães; na de major a tenente coronel, quasi todos os majores. Mas tanto na campanha da península, como agora na de Montevideo, a antiguidade cedia o lugar á distincção dos feitos no campo de batalha, e ao direito da distincção juntava-se a utilidade da patria. No grande concurso bellico os feitos conquistavam-lhe a palma; na promoção dos postos, ou na precedencia dos commandos, era o merito que o chamava ao lugar. Assim, obtendo a exoneração o general Curado em maio de 1820, el-rei D. João VI mandava declarar pelo ministro da guerra, que, para substituir aquelle general, não podia

deixar de lembrar o nome de João Carlos de Saldanha; obrigando esta distincção a retirarem-se do exercito generaes de superior antiguidade e ainda de mais subida patente, como entre outros o marechal de campo Joaquim de Oliveira Alves. D'este modo se conferia ao brigadeiro Saldanha o commando de todas as forças que ao longo do rio Uruguay, theatro principal de suas façanhas na America, tinham de defender a esusa da nação.

Era ali o grande ponto. Artigas fôra expulso, como vimos, para o territorio de Entre Rios, na outra margem do Uruguay, mas ainda restavam dois perigos: um, que elle, reforçando-se n'aquelle territorio, tornasse a passar o grande rio, investindo qualquer das nossas duas capitaniaes de Montevideo ou do Rio Grande; outro, que para áquem do Uruguay se levantassem de novo os seus sequazes. Estes dois perigos é que o general Saldanha, commandante agora de toda a divisão, estava encarregado de evitar. Para cumprir o mandato, deixou uma força no Rincão das Gallinhas, outra em Sandu, outra ainda no Hervevedy, estacionou a restante no Arapey (margem do Uruguay), fronteira, d'onde podia ao mesmo tempo obstar á invasão de Artigas, defendendo a capitania de Montevi-

deu, e ajudar a cobrir, em qualquer lance apertado, a do Rio Grande.

Artigas, o afamado Artigas, conhecendo assim a impossibilidade de tornar a passar com vantagem o Uruguay, desavem-se no seu territorio de Corrientes com os caudilhos Ramirez e Lopez, e vé finalmente escurecer a estrella que tão brilhante lhe luzira. O Attila americano, o emancipador argentino, o antigo libertador da sua patria — destinos humanos! — vencido pelos portuguezes, abandonado dos seus, por elles mesmos guerreado agora, emigrando para a republica do Paraguay, solicita do dictador Francia um abrigo, que este lhe concede. Internado n'aquelle republica, ali findará os seus dias no anno de 1825, entregue a trabalhos agricolas.

Terminava a campanha de Montevideo que dilatava o nosso territorio, conquistando toda a Banda Oriental do Rio da Prata. Esta recebia o titulo de provincia Cisplatina, accetando jubilosa o incorporar-se na monarchia portugueza. Succedia-se este facto glorioso no anno de 1821.

IV

Finda a campanha, o conde da Figueira, necessitando de regressar a Portugal, partia para o Rio de Janeiro a pedir a el-rei a sua exoneração de capitão general da provincia do Rio Grande. Ao general, que tão distinctamente havia servido e honrado a patria, não queria el-rei conceder a exoneração. O conde instava e tornava a instar, el-rei ensurdia e tornava a ensurdecer.

— Meu senhor, disse-lhe por fim de certo tempo o conde da Figueira, se vossa magestade me permite, lembrarei a vossa magestade o nome de um militar que me pode substituir n'aquelle governo.

Façamos ligeira pausa. Quem abrir o notavel escripto de João Carlos Feo, lerá estas palavras: 'Na brilhante e juvenil officialidade de que fazia parte do estado maior e da cavallaria (da divisão portugueza que chegara ao Rio de Janeiro para a campanha de Montevideo), iam Carlos Infante (depois barão de Sabroão), Gil Guedes (conde da Foz), José Pedro de Faria, Barros Abreu, (conde do Casal) e outros. Quando estes cavalheiros chegaram ao Rio de Janeiro, todos annunciavam ir tambem na expedição João Carlos de Saldanha, que elles uniformemente elogiavam, tanto pelas suas delicadas maneiras, como pelo seu talento e bravura, e com tanto enthusiasmo o faziam, que me causaram o desejo de o conhecer. A este pregão geral accreçiam agora no animo de el-rei D. João VI as novas proezas de Saldanha. A campanha de Montevideo completava a campanha peninsular. Quando, pois, o conde da Figueira indicava a el-rei o brigadeiro Saldanha para o substituir no governo do Rio Grande, interrompia o el-rei:

— Não accetto a substituição.

— Mas, meu senhor, tornou o conde, não acha vossa magestade o valoroso

João Carlos merecedor da nomeação que eu lembro?

D. João VI sorriu-se.

— Acho; mas eu quero reservar o João Carlos para outra capitania mais difficil: para a propria capitania de Montevideo.

E mal imaginava Saldanha, áquella hora tão socegado nas margens do Uruguay, em que danças bailava a sua pessoa: el-rei querendo-o para Montevideo, o conde da Figueira indicando-o para o Rio Grande e ambos almejando por que Saldanha se podesse cortar ao meio, para acabar a contenda.

Mas em dois é que Saldanha não podia ser cortado, visto não ser el-rei Salomão quem reinava em Portugal n'aquelle era, e a carta régia de 6 de março de 1821 nomeava o brigadeiro João Carlos de Saldanha para o lugar de capitão general da provincia do Rio Grande.

(D) Historia de Marechal Saldanha.

D. ANTONIO DA COSTA.



Projecto do monumento a erigir ao Duque de Saldanha

A questão dos passaportes

A facilidade com que as autoridades brasileiras concedem passaporte para o estrangeiro aos subditos portugueses que se declaram nacionalizados, e a ignorância de todo o português que se preza a respeito das disposições legais não impostas directa e brutalmente pela policia, tem causado ultimamente grandes amargos de boca aos nossos compatriotas de regresso ou de passagem em Portugal. Raro é o vapor em que a policia não effectua uma ou mais prisões de subditos de Sua Magestade Fidelissima munidos de passaporte brasileiro, viatico destinado a illudir as prescripções das leis do recrutamento ou simples desejo de evitar as massadas e complicações do passaporte nacional. Estas prisões, alem de vexatorias, causam aos pacientes graves transtornos pecuniarios e incommodos que elles teriam resgatado a peso de ouro se soubessem prevel-os. Com effecto, á captura segue-se, na melhor das hypotheses, isto é, na do paciente haver cumprido o dever ou o imposto de sangue, um processo em que invariavelmente é condemnado em pesada multa, alem do pagamento das respectivas contas. Se anda desavindo com as leis do recrutamento, o caso é peor. Põe-lhe uma farda ás costas e obrigam-n'o durante tres annos, a comer o pão que o demo amassou.

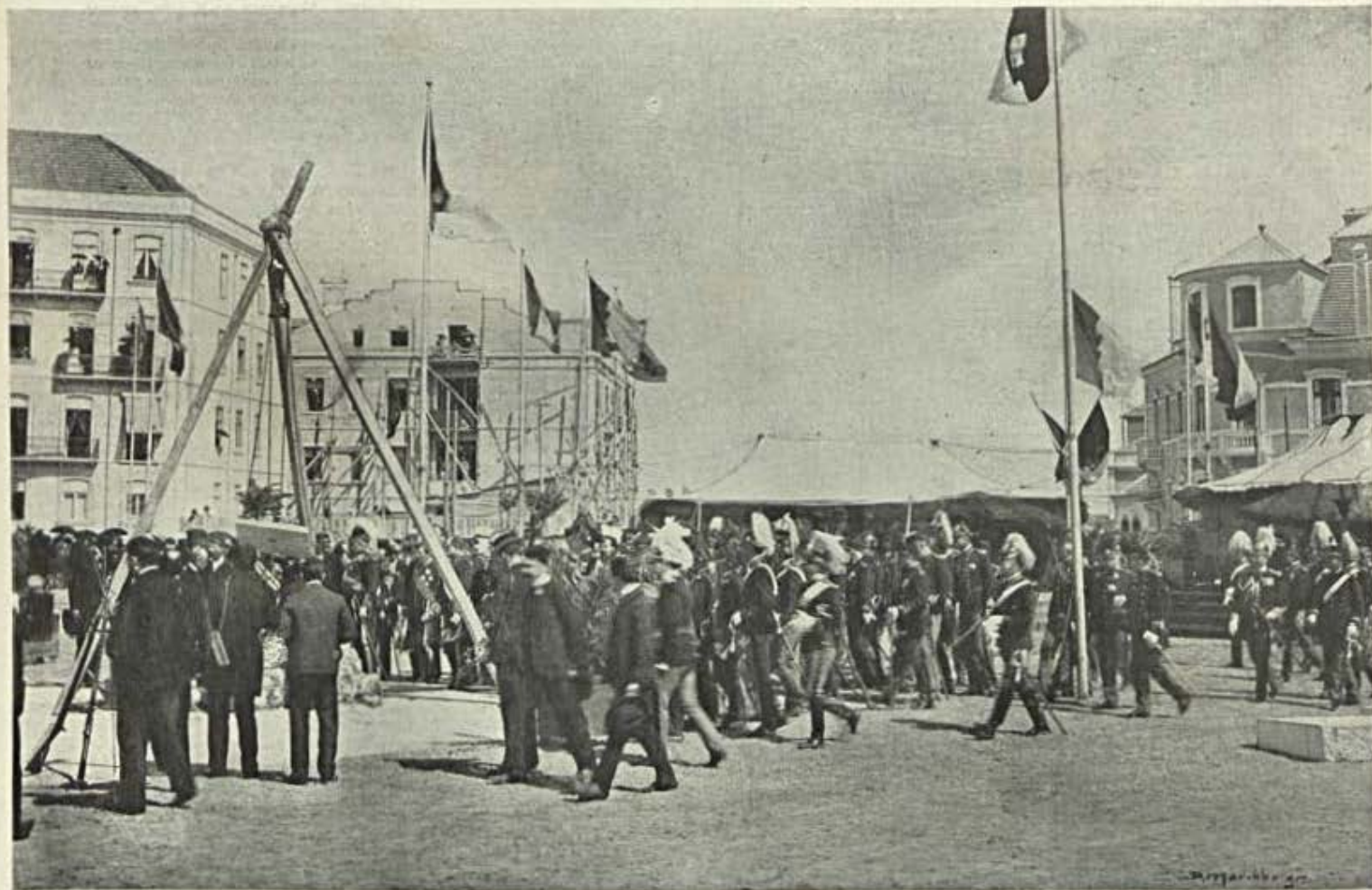
Todos os dias chegam reclamações e queixas dos afflictos contra taes actos que elles classifcam de arbitrariedades. Não são. As autoridades cumprem apenas a lei, e, alem da ignorancia da lei a ninguem aproveitar, as leis, boas ou más, tem de cumprir-se emquanto não forem revogadas. Os nossos compatriotas são os unicos culpados do que está acontecendo. Queixem-se de si. Se antes de solicitarem o passaporte brasileiro se informassem devidamente nos consulados portugueses não soffriam nem o vexame moral nem o prejuizo material.

E' velho aphorismo logico que uma cousa não pode ser e deixar de ser ao mesmo tempo. *To be or not to be*, ainda va, mas *to be and not to be* é impossivel. Ser brasileiro sem deixar de ser portuguez é uma manobra indigna do elevado patriotismo dos nossos compatriotas residentes no Brasil. Servir duas patrias é demasiado sacrificio para uma pessoa só. Ou uma, ou outra. Quem pretende servir as duas acaba por não servir nenhuma. E o facto recorda a velha laracha muito sedida mas sempre interessante: "Quem tem um



D. Luiz da Camara Leme

Ajudante de ordens do Marechal Saldanha, seu amigo intimo, a quem se deve principalmente o monumento



Monumento Saldanha — Durante o lançamento da primeira pedra

creado, tem um creado; quem tem dois, tem meio creado; quem tem tres, ou d'ahi para cima, serve-os a elles.

Não é o patriotismo do portuguez residente no Brasil inferior ao do allemão, por exemplo; e o allemão cumpre rigorosamente os deveres que a sua nacionalidade lhe impõe. Quando a sua afeição pela patria adoptiva supera a que a do nascimento lhe impõe, naturalisa-se, mas em regra, renunciando á segunda e perfilhando corajosamente a primeira. Com a sua carta de naturalisação no bolso é, para todos os efeitos, cidadão brasileiro, e como tal o reconhecem as legislações de todos os povos civilisados. O que, porem, se não coaduna com o brio e dignidade civicas é a nacionalidade por partidas dobradas, a exhibição alternada de qualquer d'ellas segundo as vantagens e conveniencias de momento. Este calculo torpe deve ser rigorosamente reprimido. Patriotismo de lingua não basta. Só o que vem do coração e se afirma pelo sacrificio é digno de respeito. Patriota é quem serve a patria e não quem apenas lhe disfructa os ares.

Nem semelhante duplicidade se comprehende. No meio de todas as suas desgraças e miserias o portuguez, em regra, só quer ser portuguez e a mera suspeita de que possa pertencer a nacionalidade diversa "põe-lhe em brazas o olhar e truculento o aspecto", na phrase do poeta. A cultura, ao prestigio, ás vantagens de alheios povos elle prefere invariavelmente o seu cantinho á beira mar plantado, com a sua ignorancia secular as suas arbitrariedades politicas e a sua guarda municipal de ponto em branco. Pela sua patria, e até pela sua aldeia, distribue bofetada e marmelleiro a granel; não consente que lhe toquem, que a melindrem, que a belisquem. Mesmo com o passaporte brasileiro no bolso, mesmo com a carta de naturalisação na carteira dirá que é portuguez e acompanhará o dito com um bom par de punhos ou uma canna da India, solida e flexivel. Parece, portanto, que a primeira demonstração d'este sentimento deveria consistir no cumprimento dos deveres civicos. Tal não acontece. O portuguez não só detesta o serviço militar como a respectiva remissão pecuniaria. Dará de boamente um conto de réis para a reconstrução da capelinha sertaneja, mas só coagido abrirá os cordões á bolsa para dar homem por si. E não liga o menor valor moral ao facto de, sendo portuguez de alma e coração, exhibir um documento comprovativo de nacionalidade diversa. Estranhas aberrações exclusivamente motivadas por essa monstruosa estatística do Ministerio do Reino que nos dá uma percentagem de analphabetos só attingida pela Hespanha.

Porque a verdade é esta. A ignorancia e só a ignorancia leva a essas practicas deprimentes. Raro é o portuguez que, embarcando para Portugal munido de dois passaportes, o faz por velhacaria,

com o proposito secreto de trair alternadamente as duas patrias. Amigos, camaradas, companheiros, de cultura igual á sua e identica educação civica, lhe aconselharam o acto como trivial, perfeitamente compativel com os brios patrioticos. A aversão do portuguez ao serviço militar vem de traz, da aldeia, inculcado de avós a paes e de paes a filhos. Com elle no sangue transpuzeram pela primeira vez o Atlantico, e o contacto com a liberdade americana mais arreigou esse sentimento. Ser soldado não é para o portuguez um dever alegremente acceito; é a peor das *correes*, a mais insupportavel das cangas. E, no entanto, uma vez na baralha, não ha melhor soldado: sobrio, paciente, valente como as armas. E vá lá a philosophia conciliar estas coisas!

Todo o mal vem da falta da escola primaria, esse viveiro de futuros cidadãos que a França e Allemanha multiplicaram por toda a parte, acabando com a praga do analphabetismo, a peor, a mais funesta de todas as pragas que podem infestar um povo. E' de plena boa fé que os nossos compatriotas praticam essa duplicidade deprimente dos seus brios; e o peccado original da ignorancia vae comprometter irremediavelmente o futuro das victimas e o da nossa expansão no exterior. Peccado tão grave, tara tão funesta que as grandes nações colonias americanas, os Estados-Unidos, por exemplo, vedam hospitalidade ao imigrante analphabeto. O analphabeto é o pestifero, o leproso das civilisações contemporaneas. Não lhe recusam a sepultura sagrada, mas negam-lhe a actividade fecunda.

Ficam, porem, os nossos compatriotas residentes no Brasil prevenidos de que só a carta de naturalisação lhes dá a qualidade de cidadãos brasileiros e os isenta do cumprimento dos deveres adstrictos á qualidade de cidadãos portuguezes. O simples passaporte de nada vale, sujeitando os a processo, prisão, multa e ao cumprimento dos deveres que deixaram de cumprir. E é bem doloroso ter regressado á patria movido pela saudade e ver-se julgado e condemnado como traidor á propria causa que nos alvorçou o animo e marejou os olhos de lagrimas.

CUNHA E COSTA.

A estrella que deve guiar a marcha do genero humano, é a utopia do philosopho, o sonho do poeta, o ideal do artista. E' para a ver que o homem deve olhar sempre para os céus.

CHARLES BLANC.

Ha dois dias que chegam muito de pressa: o do casamento, e aquelle em que um sujeito deve ser enforcado.

TACKERAY.

A historia d'um regato, mesmo d'aquelle que nasce e se perde na relva, é a historia do infinito.

ELYSEË RECLUS.



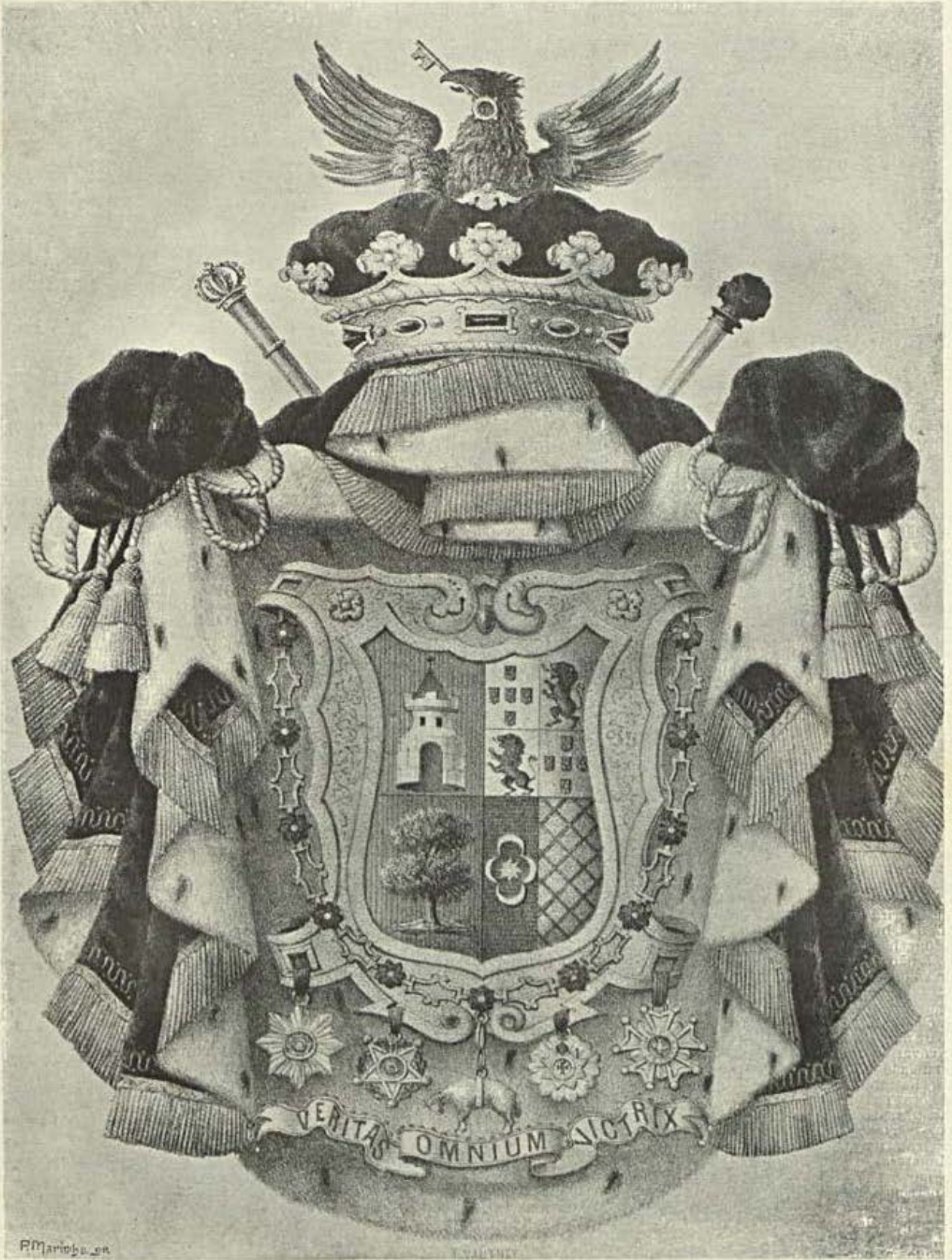
Saldanha em 1826



Ultimo retrato de Saldanha
Tirado em Londres em 1873



O Marechal Saldanha em 1847



Brasão d'armas do Marechal Saldanha

POLITICA INTERNACIONAL

A politica franceza atravessa n'este momento uma das suas habituaes crises. Por agora é a questão dos cartuxos, que concita todas as attentões; e embora a commissão d'inquerito nomeada pela camara não tenha chegado a resultado algum, é certo que o espirito publico está preocupado com este assumpto mais ridiculo do que perigoso incidente para o bom nome da republica. Não deixa em todo o caso de ser lamentavel, que o presidente do poder esteja á mercê de atoardas como esta, porisso que emquanto se defende, mesmo que seja victoriosamente, o ministerio vê enraquecida a sua acção governativa, além do natural descredito e da desconfiança que lançam a perturbação nas fileiras dos seus defensores.

Naturalmente achamo nos em presença de uma nova conspiração nacionalista-clerical para derrubar o sr. Combes; e assim como do caso dos celebres milhões Crawford se quiz fazer arma politica para ferir o chefe do governo na pessoa do seu collega da justiça, assim tambem do milhão, que se diz terem os cartuxos offerecido para ficarem em França, se quer tirar argumento para na pessoa do filho desprestigiado o presidente do conselho de ministros. O processo é exactamente o mesmo. Resta saber se com o mesmo resultado.

Em todo o caso está longe de ser tranquilisadora a feição, que continua a caracterisar o espirito publico francez, e muito mais ainda a atmosphera de suspeições e de odios, em que se debate a politica da terceira republica. A todo o momento as chamadas «questões de moralidade» levantam verdadeiras campanhas de diffamação contra os nomes mais conhecidos e respeitadas, e se ha casos em que alguns conseguem sobrenadar á calumnia, não são poucos os que succumbem ou que pelo menos ficam por longo tempo inutilisados, com grave perda para a nação que tanto necessitava dos seus serviços. Foi o que aconteceu com Ferry e Clemenceau.

Póde dizer-se que, se exceptuarmos Gambetta, são estas as duas mais notaveis personalidades politicas da terceira republica. Ambos oradores de primeira ordem, ambos corajosos luctadores, ambos com a envergadura dos grandes estadistas, e tendo ambos exercido preponderante acção, que com o tempo mais augmentaria. Pois duas das taes «campanhas de moralidade» inutilisaram-nos a ambos, como elementos activos de governo. A Ferry feriu-o a questão do Tonkin. A Clemenceau derribou-o do seu pedestal de dictador da opinião a questão do Panamá. E' verdade que mais tarde tanto um como outro conseguiram abrir novamente caminho, recebendo ambos no senado uma devida embora tardia reparação. Mas eram porventura os mesmos? Não. Alguns annos perdidos n'uma carreira politica em pleno estado de expansão são irreparaveis. Um morreu, quando para elle principiava a formular-se a sentença reparadora da opinião publica. O outro não morreu ainda, mas nunca mais pode conseguir a situação preponderante que tinha antes da malfadada questão do Panamá, quando na camara fazia e desfizia ministerios ao calor do seu verbo inflammado, e quando se via cortejado pelos primeiros potentados do mundo, os quaes, como o então principe de Galles, hoje Eduardo VII, cultivavam presurosos a sua amizade, antevendo no brilhante e terrivel chefe dos radicaes o futuro senhor da França. E tanto n'um como n'outro caso foram duas grandes energias perdidas, duas carreiras politicas sacrificadas por esse prurido de moralidade doentia, que está para a verdadeira moralidade, como o pechisbeque lúcido mas falso está para o ouro verdadeiro, de fino toque.

Ora é precisamente n'este estado de espirito publico, que consente ou levanta taes campanhas, onde a nosso vêr reside o verdadeiro perigo para a republica. Os adversarios da actual fórma de governo não desarmam, apesar dos contratempos e das derrotas soffridas. Todos os dias forjam uma nova machinação com o fim de desacreditar o systema vigente, já que o não podem tomar d'assalto. E a opinião publica que abertamente os repelle, quando elles se apresentam de frente confessando os seus intentos, como acontece nas eleições em que os deputados dos partidos reaccionarios vão vendo as suas fileiras cada vez mais reduzidas, por uma singular obsecação secunda soffregamente estes mesmos partidos nas suas campanhas de diffamação contra as figuras mais eminentes da republica. D'esta maneira presta um auxilio efficaz áquelles que por outra lado condemna na urna. E' uma contradicção, que deve dar que pensar aos defensores da republica em França.

No proseguimento das excursões, que tem sido a feição mais caracteristica do seu reinado, acaba Eduardo VII de visitar em Kiel o imperador Guilherme. Tomando pretexto n'este encontro a imprensa alemã na quasi totalidade escreve longos artigos, não só para accentuar o caracter altamente politico da visita em questão, mas ainda para prever em consequencia d'ella importantes acontecimentos em proximo futuro. E' primeiramente a questão de uma supposta mediação anglo-alemã para terminar a guerra entre a Russia e o Japão, que occupa a maioria dos jornaes, affirmando-se que, havendo já sido feitas sem resultado as primeiras tentativas em S Petersburgo por Eduardo VII isoladamente, se vae tentar de novo o mesmo passo por parte dos dois monarchas combinados.

A segunda questão que por entre as linhas dos differentes artigos se deixa entrevêr e a que a quasi semi-official *Gazette de Colonia* faz directa allusão, é a de um accordo entre a Alemanha e a Inglaterra

semelhante ou analogo ao que esta ultima potencia ha pouco negociou com a França.

Pela sua parte a imprensa ingleza, cujo tom geral a respeito da entrevista de Kiel é extremamente reservado para não dizer notavelmente frio, nega *una voce* que o encontro dos dois monarchas tenha qualquer significação especial, affirmando da forma mais explicita pelo contrario que elle se limita a uma troca de cumprimentos entre dois parentes, que são ao mesmo tempo os chefes de duas grandes nações. Emquanto á idéa que da entrevista de Kiel possa resultar qualquer cousa parecida com o accordo anglo francez, aprecia-a o *Times* com o seu habitual criterio nas seguintes frisantes palavras: «As relações anglo-germanicas nem estão tão tensas que tornem urgente um tal accordo, nem são tão expontaneamente affectuosas que o façam accetavel como assumpto corrente.» Não póde negar-se que é engenhosa a formula apresentada pelo grande jornal londrino para o *fin de non recevoir*, que elle oppõe aos devaneios diplomaticos da imprensa alemã.

Nem mediação nem accordo são a nosso vêr possiveis, pelo menos no momento actual. A mediação para pôr fim á guerra seria um verdadeiro contrasenso no presente estado das operações militares. O Japão victorioso, depois de todos os sacrificios feitos, só a accetaria se lhe offerecessem a devida compensação, que n'este caso não podia deixar de ser: o protectorado da Coréa, a evacuação da Manchuria pela Russia e com grande probabilidade a cessão de Port-Arthur, dado o caso que não exigisse tambem qualquer indemnisação pecuniaria pelas despesas da guerra. Poderia a Russia accetiar semelhantes condições? Evidentemente, não. Nem o proprio *statu quo ante* satisfaria por si só hoje a Russia, depois dos desastres que por mar e por terra as suas armas tem soffrido. A Russia precisa de uma grande victoria, carece de ganhar pelo menos uma batalha para levantar o prestigio do seu nome, humilhado pela superioridade militar até agora revelada pelo Japão. N'estes termos, pois, não ha mediação possivel actualmente. Assim como ha alguns mezes sustentámos que a guerra entre as duas potencias era inevitavel, porque os interesses de ambas eram irreductiveis, assim tambem é nossa convicção agora, que a paz só pode vir, quando um dos dois adversarios fór collocado em situação de não poder combater mais, o Japão, por exemplo, se lhe destruissem a esquadra, o que tornaria impossivel a continuação dos seus exercitos no continente, a Russia, se depois de lhe terem tomado Porto Arthur e Vladivostok não conseguisse na campanha recommendada no anno que vem com novos reforços desalojar os japonezes d'essas posições. Até lá o orgulho das duas nações — uma vencedora, outra que ainda espera sel-o — ha-de impedir que se chegue á paz, cujas bases de resto não são facéis de encontrar no momento actual.

Não foi, pois, Eduardo VII á Alemanha tratar de uma mediação na guerra russo-japoneza. Teria ido para preparar um accordo entre os dois paizes, analogo ao que a França e a Inglaterra concluíram ha pouco? Não nos parece. O *Times* encontrou a verdadeira formula da situação quando disse que: as relações entre os dois paizes nem eram de tal maneira tensas, que tornassem um accordo entre ambos urgente, nem eram de tal maneira amigaveis, que fizessem esse accordo desejavel.

E' esta a differença das respectivas posições da França e da Inglaterra por uma parte e d'esta ultima potencia e da Alemanha pela outra. Entre a França e a Inglaterra existiam, a par de uma grande identidade de interesses e de uma accentuada comunidade de aspirações — são e continuarão a ser estas nações as duas representantestypas da mais adiantada civilisação occidental — certas questões secundarias mas irritantes, que em qualquer momento de excitação eventual podiam ameaçar a boa harmonia de ambos os paizes. O accordo, portanto, firmado na solida base do interesse e da *sympathia communis*, arredou as causas possiveis de divergencia, fortificando os elementos de aproximação. Entre a Inglaterra e a Alemanha a situação é diversa. Não existem entre ellas tantas causas de attrito immediato, parece certo; mas em compensação o antagonismo de interesses a todo o momento se accentua. Commercial e industrialmente a Alemanha é em todos os continentes a rival da Inglaterra; e, o que mais cava um abysmo entre as aspirações dos dois paizes, a Alemanha visa a nada menos do que a arrancar ao sceptro da Grã-Bretanha os mares do globo, até hoje seu dominio incontestado. Não se trata, pois, de uma divergencia passageira de interesses, que concessões mutuas podem fazer desaparecer, mas de um antagonismo fundamental e irreductivel, que tratad algum tem poder para harmonisar. N'estes termos, como seria possivel estabelecer entre Berlin e Londres uma *entente cordiale*, tal como se negociou entre Londres e Paris? Não deve ter tido portanto significação alguma politica a viagem de Eduardo VII a Kiel. Pode á Alemanha convir no momento actual fazer acreditar o contrario. A situação, porém, dos dois paizes exclue por agora a possibilidade de semelhante accordo.

CONSIGLIERI PEDROSO.



Conquistas humanas

I

Não pode haver actualmente problema que mais deva interessar a humanidade que o da origem humana. E', segundo a opinião



2.º Duque de Saldanha
Filho do marechal

do distincto zoologo inglez Thomas Huxley, a *questão suprema* para a humanidade.

Ora, quem podia ter esclarecido tudo, não o quiz fazer. Durante 33 annos que viveu entre os homens, nada aclarou, nem sobre o movimento da terra e dos astros, nem sobre as forças da natureza como a electricidade, o magnetismo, o vapor, nem sobre as propriedades do radio e de outros corpos, com o que poderia ter beneficiado a civilização. E, se o sabia, faltou-lhe a verdadeira caridade de ensinar os ignorantes, como a comprehendeu o humano Condorcet, e como a aconselhou á filha na carta que lhe escreveu, pouco antes de se suicidar.

«Tenhas o habito da caridade, dizia-lhe o eminente philosopho, mas da caridade esclarecida pela razão, e dirigida pela justiça. Não queiras libertar-te do espectáculo da miseria e da dor. Não te limites a dar o teu dinheiro, saibas tambem dar os teus cuidados, o teu tempo, AS TUAS LUZES, e as affeições consoladoras, muitas vezes mais preciosas que a esmola. Aprende sobretudo a exercer a caridade com delicadeza, com o respeito pela desgraça, o que duplica o beneficio, e ennobrece o benefactor. Não esqueças nunca que aquelle que recebe, é, por natureza, igual ao que dá, e que todo o soccorro que obriga a dependencia, não é um dom, mas um negocio, e que sendo humilhante, converte-se n'uma offensa.»

Não ha hoje um homem de mediana illustração que, não se achando fanatisado, acredite que o primeiro homem foi feito de barro, á semilhança do Creador, e que a mulher, por falta de materia prima, ou por ostentação de novo engenho, proveiu da costella do homem que lhe foi extrahida pelo Creador, quando o apanhou a dormir!

A sciencia estabelece hoje peremptoriamente que, da *monera* ao homem, não ha solução de conti-

nuidade, e que, entre os animaes, appareceram primeira mente na terra os invertebrados, aos quaes succederam os peixes e os reptis, seguindo depois os vertebrados de sangue quente, e mais tarde os mammiferos, e finalmente o homem que surgiu na terra por meio de gradações e de transformações cada vez mais complicadas, e menos imperfeitas desde a cellula inicial até ao anthropoide.

E, assim como os calculos astronomicos determinaram a preexistencia de certos astros até alli desconhecidos, e cuja veracidade o telescopio depois confirmou, assim tambem Haeckel, ha 38 annos, por uma presciencia verdadeiramente assombrosa, estabeleceu a hypothese do intermediario entre o homem e o anthropoide, hypothese que se transformou n'uma realidade pela descoberta do *pithecanthropus erectus*, feita em 1894, em Java, por Eugenio Dubois!

A doutrina evolucionista assegura ao homem o seu verdadeiro logar na natureza, e as bases d'essa doutrina são por tal forma convincentes que não é dado duvidar-se d'ella. O homem já não é o rei da criação, e cada especie animal é adoptada para as condições particulares da vida em que se encontra. Haeckel, na sua *Historia da criação*, prova que o homem proveiu de vertebrados inferiores, e em ultima analyse dos anthropoides, sendo pela anatomia comparada que a Zoologia moderna fixa ao homem o seu logar na criação, collocando-o na primeira classe dos mammiferos com a designação de animaes superiores, ou *primates*, comprehendendo esta classe os macacos em duas divisões naturais, separadas geographicamente; a saber: os macacos occidentaes ou americanos, caracterizados pela pequenez do seu canal auditivo e pela largura da sua membrana nasal, e os macacos orientaes pertencentes ao antigo continente, possuindo um canal auditivo alongado, e uma membrana nasal estreita.

Como o homem apresenta em toda a sua organização os caracteres dos macacos orientaes, é d'este grupo que elle deve ter sahido, representando os anthropoides uma evolução com o ter-se descoberto n'elles, em 1890, e não nos outros, a conformação particular do *placenta* existente no homem, estando tambem constatado que as diferenças anatomicas, separando o homem do gorilla e do chimpanzé são menores que as que distinguem os anthropoides dos macacos inferiores, provindo o homem de uma serie de macacos orientaes sem cauda, com cinco vertebrae no osso sacro, sendo os seus antepassados mais afastados os de cauda com tres ou quatro vertebrae.



João Carlos de Oliveira Saldanha Daun
Bisneto do marechal
Actual representante da casa

A comparação de todas as funções vitaes mostra que não ha diferença essencial entre o homem e o anthropoide. A nutrição, a digestão, a circulação, a respiração tem por base os mesmos phenomenos physicos e chimicos, succedendo o mesmo com a vida sexual e com a reprodução, e bem assim com as funções de movimento e sensibilidade. A primeira dentição do homem é muito semelhante á dos macacos, sendo a dentição considerada como linha de separação entre os dois grupos principaes. Os do antigo continente possuem 32 dentes conformados e collocados de modo caracteristico como os do homem. Os americanos teem 36 dentes.

O embrião humano reproduz passageiramente nas phases successivas d' seu desenvolvimento os tipos dos animaes inferiores, desenvolvendo-se-lhe a cauda, como



Conde de Almoester
Official de cavallaria (neto do marechal)



Architecto Ventura Terra
Auxiliar do suctor do monumento a Saldanha

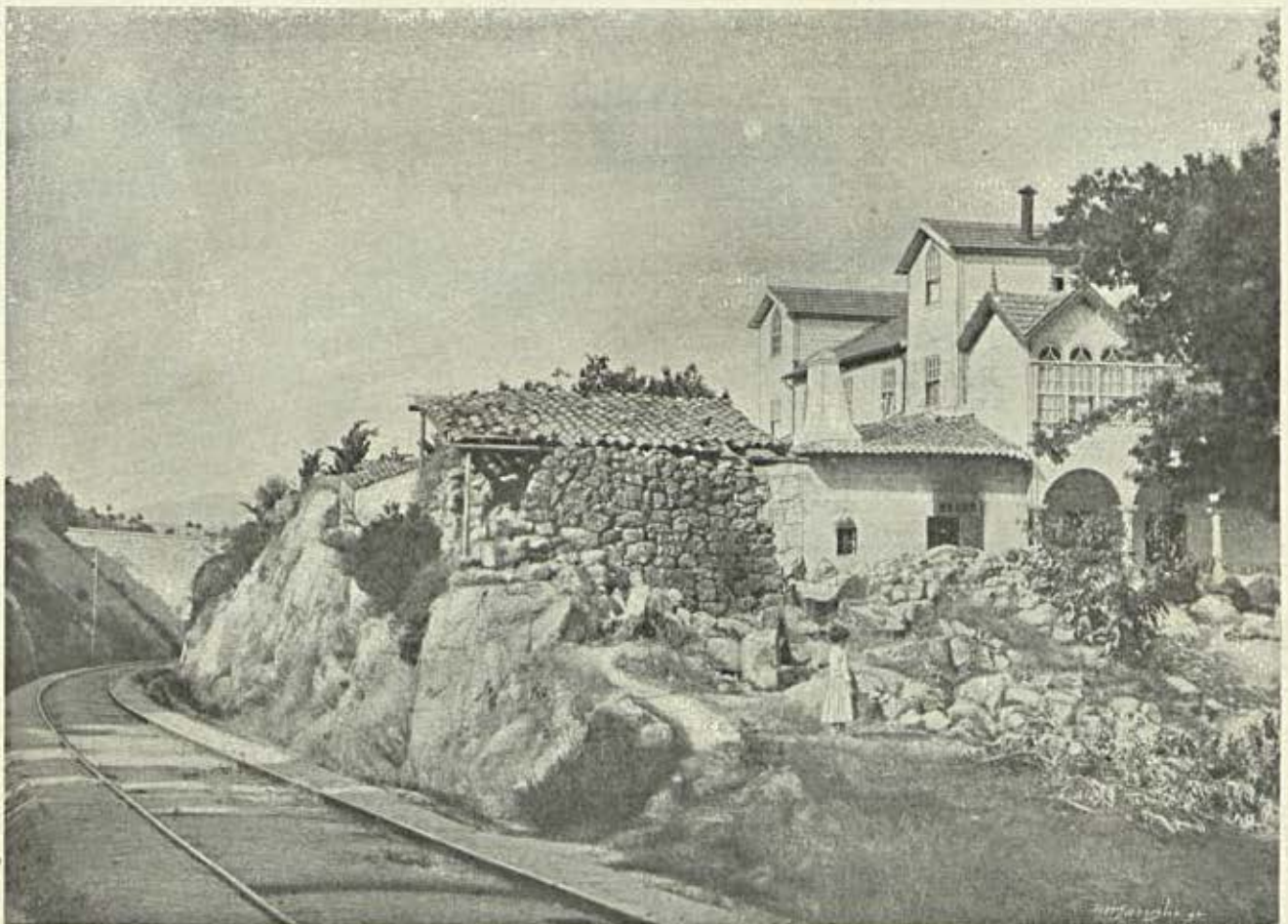


Esculptor Thomaz Costa
Auctor do monumento a Saldanha

Covilhã — Portugal



Arco da antiga fabrica real, actual quartel de Infanteria 21



Cúchês de Raphael Morão.

Quinta do Prado



Henrique de Barcellos

Jornalista portuguez. — Director do Commercio de Campinas (Brasil)

nos outros mamíferos, e sendo unicamente na sexta ou setima semana da vida embryonaria que a cauda se vai atrophiando, até desaparecer, para ser finalmente representada por um órgão rudimentar, o que está em harmonia com a these de Guerra Junqueiro de que todos os seres reproduzem e resumem no seu organismo a historia inteira da sua evolução, desde o átomo primordial á substancia ou forma ultimamente adquirida.

O mecanismo do esqueleto humano e o movimento dos musculos é executado por um systema analogo de alavancas, e não só a posição vertical considerada como um caracter especial do homem pode ser temporariamente tomada pelo chimpanzé, pelo orangotango, e principalmente com menos esforço pelo gorilla, como os diferentes sons pelos quaes elles exprimem as suas sensações, os seus desejos, a sua sympathia ou antipathia devem ser considerados uma especie de linguagem imperfeita como a das crianças. Os macacos siameses fazem toda uma oitava da escala chromatica com meios tons.

Pela anatomia comparada se reconhece que a estrutura de cerebro humano é igual á dos anthropoides, sendo as pequenas diferenças de volume e de forma das diferentes partes do cerebro menores entre o homem e os anthropoides que entre estes e outros macacos. No ponto de vista anatomico, a capacidade craneana marca a distincção entre o homem e os anthropoides.

A ontogenia comparada ensina que a estrutura complicada do cerebro humano procede como nos outros vertebrados da mesma forma simples, isto é, de cinco vesículas que se encontram no embryo, sendo a forma particular do cerebro dos primates resultante d'esta disposição embryonaria tão simples, analogo ao homem, como nos anthropoides.

A physiologia comparada nos mostra que todas as funções cerebraes, como a consciencia e as simples acções reflexas produzem os mesmos phenomenos physicos e chimicos no homem, como nos anthropoides.

Estando estabelecido que o cerebro é unica e exclusivamente o órgão do pensamento, e que o poder das forças intellectuales é geralmente paralelo á grandeza do desenvolvimento, e ao grau de perfeição do cerebro, comprehende-se que a vida intellectual do homem representa um grau superior ao desenvolvimento das aptidões e das facultades que apresentam os anthropoides.

A paleontologia concorda com as conclusões da anatomia comparada pelo exame dos fósseis que podem ser considerados como os verdadeiros archivos da creação, nos quaes se encontra a successão historica dos innumerables typos que tem povoado a terra, ha milhões de annos, não havendo mais lacunas no grupo superior do que nos outros grupos inferiores de animaes. O exemplo descoberto por E. Dubois faz parte do grupo intermediario entre o homem e o anthropoide, tendo elle mostrado por uma forma evidente as suas relações de uma parte com as raças humanas inferiores e de outra com as diversas especies de anthropoides conhecidos. A demonstração das primeiras é baseada sobre dois factos significativos, a forma perfeitamente humana do femur, e a grandeza relativa do craneo desprovido de saliencias osseas que caracterizam o craneo dos anthropoides.

A capacidade do craneo do fossil de Java é de 900 a 1.000 centímetros cubicos, isto é, 2/3 da capacidade de um craneo humano médio, ao passo que a dos anthropoides attinge apenas 500 centímetros cubicos no maximo, de modo que a capacidade craneana, e com ella a grandeza do cerebro occupam no fossil uma situação in-

termediaria entre os anthropoides e as raças humanas inferiores, representando assim o anel que as liga. Confirmam a theoria da evolução os grandes progressos effectuados pela paleontologia no seculo passado, com a descoberta de varios fósseis na India, em 1836, e em Athenas, em 1838, bem como a de muitos primates pelos paleontologistas americanos nos ultimos trinta annos.

As funções physiologicas do organismo, consideradas dependentes da alma espirital são realisadas no homem por phenomenos physicos e chimicos, como nos outros vertebrados. Os órgãos correspondentes a estas funções psychicas como cerebro e medulla, e os órgãos de sentido são identicos. Esta concordancia natural acha-se em opposição com a theoria dualista de ser o homem composto, por excepção da natureza, de uma parte material e de outra espirital. A sciencia rebate estas idéas, considerando que o encephalo humano tem, tanto na forma exterior como na estrutura interior, os caracteres geraes do encephalo dos primates, não apresentando nenhum órgão que não possuam os anthropoides, e distinguindo-se apenas pela quantidade, e não pela qualidade, e não sendo concebivel a existencia de uma alma, independente do cerebro. O encephalo e a medulla desenvolvem-se no embryo humano da mesma maneira como nos outros primates. A evolução do canal medular, e especialmente a differenciação caracteristica das cinco vesículas cerebraes, faz-se, segundo os mesmos principios. A differenciação de cada uma das partes do cerebro, e sobretudo as suas circumvoluções seguem as mesmas leis no homem como no anthropoide.

A destruição de um órgão cerebral produz logo a extincção de funções que lhe são peculiares. A descoberta da facultade psychica mais essencial, isto é, a consciencia, depender das células ganglionares do cerebro, e a do pensamento ter órgãos especiaes destruíram completamente a theoria dualista.

II

Não é só por considerações theoricar, mas é tambem pelo exame directo da vida intellectual dos anthropoides e das raças humanas inferiores, e pelo exame minucioso das facultades intellectuales e moraes do homem civilizado e do selvagem, que fica demonstrada a theoria evolucionista.

O orangotango aproxima-se do homem pela forma do seu cerebro e das circumvoluções centraes; o chimpanzé pela forma do craneo e estrutura dos dentes; o anthropoide siamesez pela disposição do thorax; mas é o gorilla que, pela conformação da homoplatia, da relação do braço com o antebraço, e pela analogia dos pés e das mãos, com pollegar e dedos curtos, apresenta semelhanças mais salientes com a forma humana. Os ossos do nariz são mais salientes, o osso intermaxillar tem menor proeminencia, a orelha e a bacia assemelham-se mais com as do homem. Pela descrição de varios viajantes e naturalistas sabe-se como os antropo-

oides manifestam por signaes evidentes a sua alegria, a sua tristeza, e seu desespero. Tem-se visto, a bordo dos navios, macacos ajudando os marinheiros, carregando as velas, varrendo o tombadillo e limpando o pó dos moveis.

O chimpanzé de Buffon offeria a mão aos visitantes, passava com elles de braço dado, comia á mesa, servia-se dos pratos e dos talheres, enchia os copos de vinho, tomava café, servindo-se do asuacur, limpava a bocca, etc.

Ha, nas raças inferiores, homens pouco mais intelligentes que os anthropoides; e os que se approximam mais da forma ancestral, como os Weddas de Ceylão, os Australianos e os negros da Africa central não possuem nenhuma idéa geral ou abstracta, não pensam nem no passado nem no futuro, não experimentando verdadeiramente outra necessidade além de comer, não tendo palavras para exprimir as idéas de Deus, da religião, da justiça e da moral. Os Australianos vivem nus, tendo os missionarios renunciado á tentativa de os converter. Baptista os é como se baptisasse um cão ou um cavallo.

Em Africa, ha negros não só desprovidos de idéas moraes e de consciencia como inacessiveis a qualquer sentimento moral, e se no ponto de vista intellectual parecem observar como os macacos, não sabem tirar conclusão alguma das suas observações. Os Dukos da Africa oriental são pygmies, não tendo mais de 1m.2 de altura, vivendo nus e alimentando-se de raizes, de ratos, de cobras e de fructas. Enfeitam-se com collares de ossos. Os Askkaas tem a columna vertebral com ares humanos. A sua voz lembra o grito dos macacos e os seus movimentos são parecidos.

O continente americano offeria tambem exemplares do estado primitivo da nossa especie. Os Botocudos das florestas do Brasil não tem o menor sentimento de pudor. Nada os interessa, nem excita a sua curiosidade e attenção. Falam pouco, sendo antes um grunhido que linguagem humana. Comem com ruido como os porcos. A differença, pois, entre os anthropoides e os homens das raças inferiores é muito menor que entre estes e um Copernico, um Newton, um Laplace, etc.

O peso do cerebro humano varia entre 1 a 2 kilos, ao passo que o cerebro do boi ou do cavallo não attinge 1 kilo. O cerebro de um negro pesa em média pouco mais de 1 kilo, e o de um anthropoide pouco passa de meio kilo. O cerebro de Cuvier pesava dois kilos.

Encontram-se muitas analogias similes no comprimento dos braços do australiano, na grandeza da bocca e dos pés, na delicadeza em geral dos ossos e largura do nariz. O negro pela pequenez mais pronunciada e compressão lateral do craneo, munido de circumvoluções mais simetricas, pelo maior numero de dentes, e es-

treizeza da bocca apresenta grande numero de analogias com os anthropoides. Parece que o preto tem a consciencia da sua analogia com os macacos, quando observa que estes não falam unicamente para que o europeu os não obrigue a trabalhar.

Os antepassados do homem entre os placentarios são como uma serie de primates terciarios extintos, e sustenta Haeckel que os Weddas, habitantes primitivos de Ceylão, se approximam dos macacos pela conformação do corpo, como nenhuma outra raça.

Em harmonia com este modo de ver, L. Buchner é de opinião que foi a Asia meridional o paiz onde se fez a transformação dos anthropoides para as raças humanas. E talvez não fosse a Asia meridional, mas um continente situado ao sul e submergido sob as aguas do Oceano indico.

Estudando-se, pois, os caracteres e as qualidades de todos os povos do universo, chega-se á conclusão de que não ha tambem solução de continuidade entre as diversas raças humanas. A sua depravação, a sua ferocidade, a sua civilização, a sua bondade, a sua moral, os seus costumes e as suas leis, todas as suas differenças morphologicas são devidas ao meio em que se tem desenvolvido.

Todas as formas de organização social já tem sido ensaiadas, podendo-se affirmar no estado actual de civilização que a orientação da evolução humana tende para a democracia.

Todo o homem começa a sua existencia individual debaixo da forma de uma cellula espherica, apenas visivel a olho nu, sendo os caracteres do óvulo identicamente os mesmos no homem, como nos outros mamíferos. No momento da fecundação, a cellula arredondada, a proveniência do organismo maternal encontrando o espermatozoide filiforme paternal produz pela junção um novo elemento celular. E' neste instante que começa a existencia pessoal do novo individuo, para o qual são transmittidas, e no qual apparecem mais tarde as mais delicadas particularidades physicas e intellectuales dos progenitores, phenomeno que perturba um pouco o dogma da



Visconde de Santo Ambrosio

(Dr. Francisco Antonio Namorado.)

+ em 2-7-904

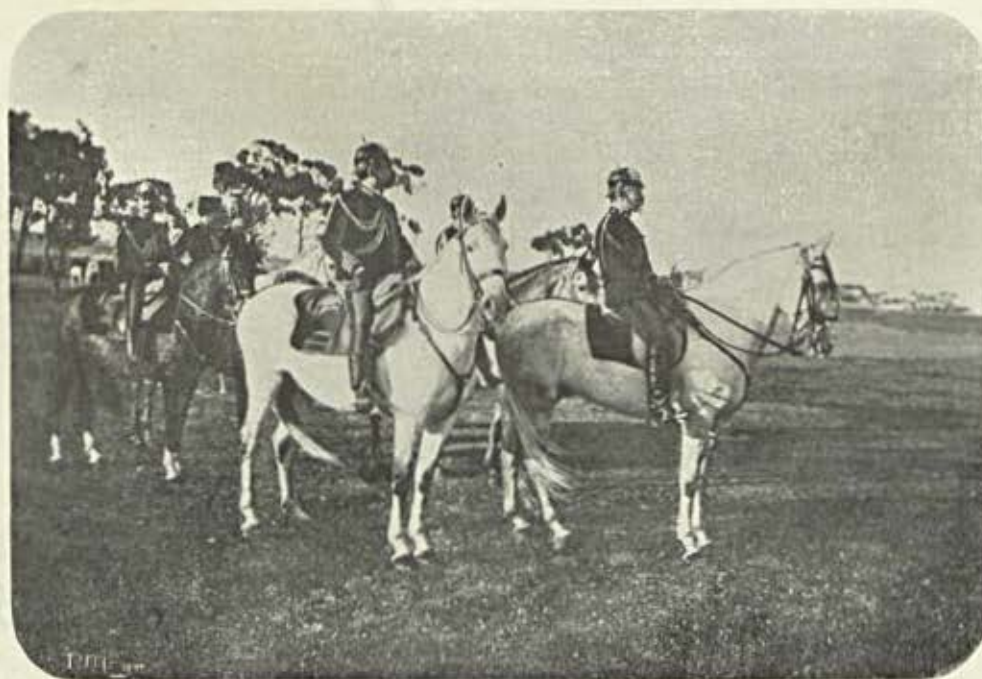


Vista geral da Covilha, tirada ha 15 annos do convento do Santo Antonio

Exercícios da brigada de cavallaria no Hypodromo de Belem, em 2-7-904



Em continencia

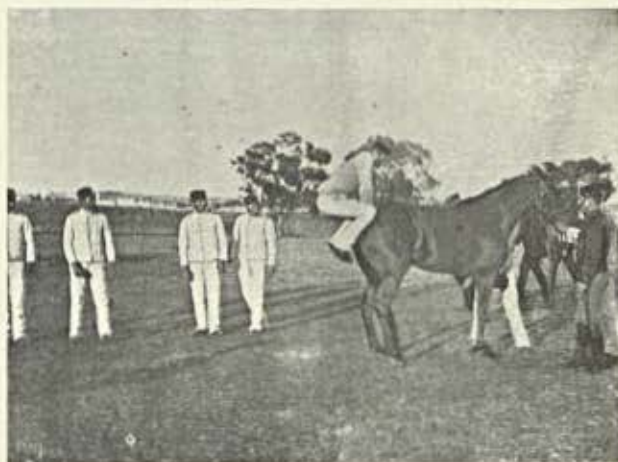


O general commandante da divisão assistindo ao desfile



Cinco 11.000

Em fogo



Exercícios da Brigada de Cavallaria — Volteio

immortalidade pessoal, e em presença do qual não se pode negar á materia a faculdade de produzir phenomenos intellectuaes. E' tambem derivando do atavismo que a sciencia já reconheceu que os filhos de um alcoolico são, em geral, seres desequilibrados, quando não saem doidos, idiotas ou epilepticos.

Todos os estudos recentes tem confirmado a proposição que Lamark, Darwin e Huxley tinham reconhecido, como a conclusão mais importante do transformismo. No congresso internacional de anthropologia realisado em 1898, ficou demonstrado que o craneo do homem primitivo pertencia em grau inferior ao do selvagens actual. A linguagem do homera primitivo não passaria de simples gritos, porque a linguagem humana produziu se lentamente, e nem sempre existiu. A sua origem e progresso tem sido uma conquista humana, não é innata, mas filha de um trabalho progressivo.

O notavel pensador Herbert Spencer, ultimamente fallecido, pertencia tambem ao grupo dos sabios que, como o nosso grande poeta Guerra Junqueiro, acham na doutrina evolutiva a chave com que se vae conseguindo decifrar o enigma do universo.

Não é indifferente para comprehender esta evolução, o conhecimento da duração que tem tido o desenvolvimento da vida organica na terra, e que é avaliado pelos geologos em mais de cem milhões de annos, sendo calculada em cem mil annos a epocha quaternaria desde o apparecimento da linguagem humana até hoje.

A theoria da evolução é hoje considerada a base de toda a biologia scientifica, e a grande obra iniciada no seculo passado por Lamark e continuada por Darwin ficará sendo para sempre uma das conquistas mais maravilhosas do espirito humano.

C. DE BRITO.

Sonetilho

Para Nair lê, ao sol-pôr

Viu tristemente a meu lado
A marchetar um sorriso,
Como outr'ora — o rosto liso
Em peitoril de brocado...

Uma aurora de noivado
Ria no céu; de improviso
Desmanchou-se-me o sorriso
Em seus labios marchetado.

Em rêdes de um diadema,
Todo luar, vou unir
Folhas dispersas de um thema:

E a seus labios, no porvir,
Hei de fazer um poema...
A vêr se tornam a abrir!

Fayal — Açores — Julho 904.

M. GREAVES.

Monnmento a Pinheiro Chagas

O *Brasil-Portugal* associa-se com entusiasmo á ideia da *Mala da Europa*, que, nas suas columnas, abriu uma subscrição publica, no Brasil e em Portugal, para com o seu producto se erigir um monumento ao illustre escriptor Pinheiro Chagas.

A Empreza d'esta Revista appella para todos os portuguezes no Brasil, e para todos os brasileiros admiradores do glorioso homem de letras, que desejem concorrer para esta justissima consagração.

Quaesquer quantias podem ser entregues aos correspondentes e agentes do *Brasil-Portugal*, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, acompanhadas de uma nota que mencione nomes e residencias para serem publicados opportunamente.

Fica aberta a subscrição.

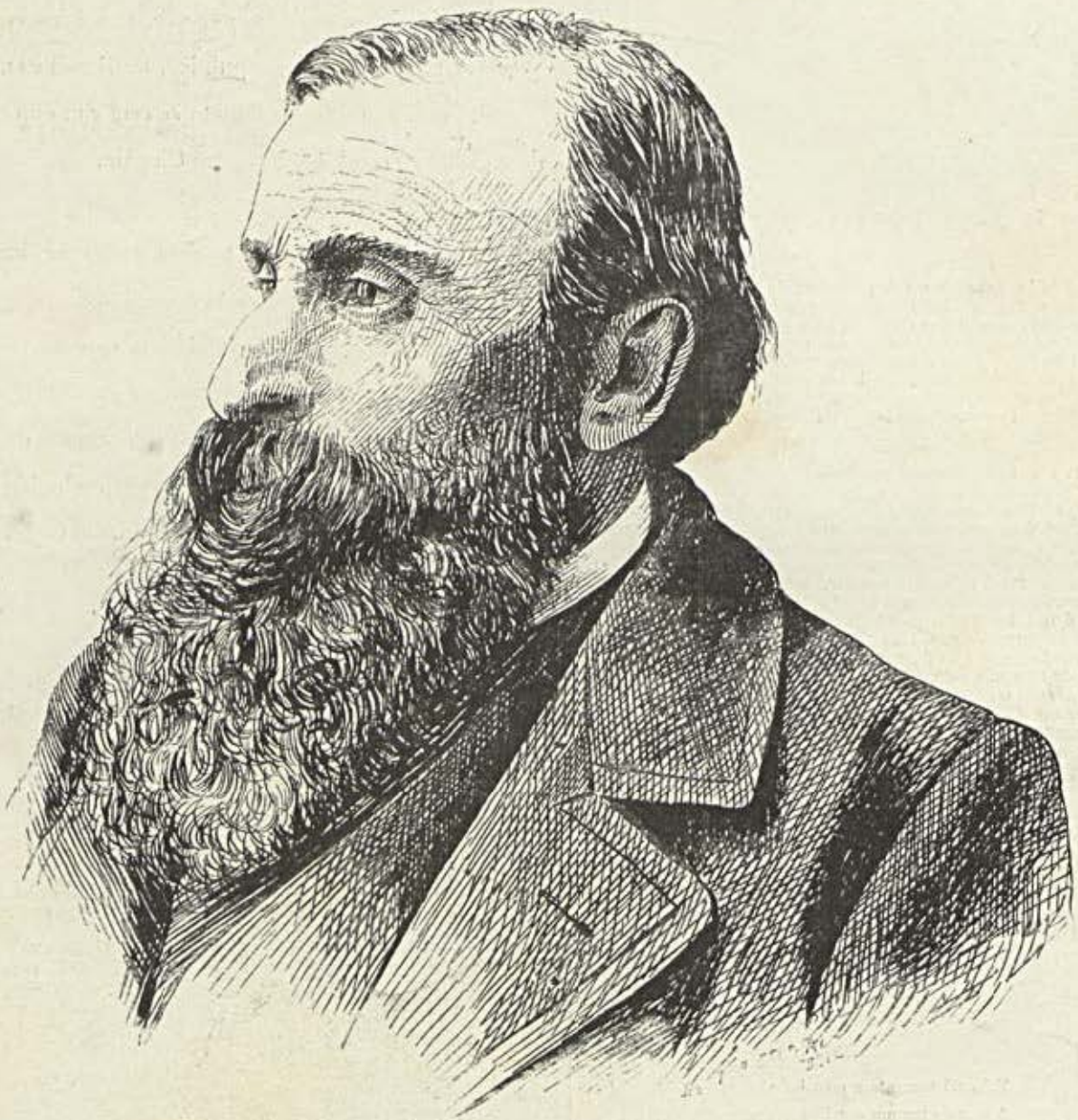
Brasil-Portugal. 20\$000 réis

(Todas as quantias enviadas pelos nossos correspondentes serão entregues á redacção da «Mala da Europa»)



Dr. José Eduardo Freire de Carvalho

Medico distincto, jornalista, eleito intendente da Bahia (Brasil), cargo que deixou em janeiro de 1904, e em que prestou relevantes serviços



Guerra Junqueiro

O «Brasil-Portugal» saúda no poeta da «Morte de D. João», de «Os Simples», e da «Oração à Luz» uma das glórias mais radiantes da literatura portuguesa. Yê encarnada na sua complexa individualidade a alma lyrical dos portugueses, o auro estro dos poetas epicos, a doçura communicativa do meridional por excellencia, e, na sua ultima phase de artista, o philosopho da bondade e o revolucionario do sentimento n'uma aspiração progressiva para a eterna luz, para o eterno amor.

A sua revelação de homem de sciencia, recentemente aclamado na imprensa de Paris, este desdobramento do artista de voo largo no investigador paciente e reflectido é a evolução prodigiosa de um espirito, que, partindo da synthese para a analyse, consegue collocar no mesmo throno de ouro, irradiando a mesma luz, a sciencia e a poesia.

De homens d'este valor, de individualidades d'esta tempera, está tão escasso o paiz, que quando os glorifica mais se glorifica a si proprio. Por isso o «Brasil-Portugal» se orgulha de inscrever hoje nas suas paginas o nome aureolado de Guerra Junqueiro.